

As eleições para o Senado

*Luiz Orlando Carneiro **

A renovação do Senado em um terço e a eleição de seis senadores pelos novos estados de Roraima e do Amapá são fatos políticos previstos para

outubro, que ainda não sensibilizaram os meios de comunicação, muitos presos à cobertura da campanha eleitoral para os palácios estaduais.

O governo, ao contrário, tem o maior interesse nessas eleições, em que estarão em jogo 31 cadeiras do Senado, pois uma maioria consistente naquela câmara revisora faria com que o presidente se desgastasse menos, não sendo obrigado a usar e abusar de seu poder de voto. O Executivo está ciente de que vai ter de tocar o barco até a próxima legislatura, na base de medidas provisórias e vetos, enfrentando dois ou três esforços concentrados de um Congresso basicamente ocupado com sua reeleição. Mas vai lutar para que, nos próximos quatro anos, tenha uma maioria confiável, pelo menos no Senado. Lá, é menos difícil o encaminhamento político das questões de seu interesse, até porque é mais fácil negociar com quatro dezenas de senadores do que com mais de duas centenas de deputados.

Dos 25 senadores cujos mandatos chegam ao fim, pode-se afirmar que 17 vinham votando com o governo, a não ser em questões de "sobrevivência política", como foi o caso da aprovação da nova lei salarial, em vias de ser vetada pelo presidente Collor. Dos 50 restantes, vêm apoiando o governo, ou a ele são simpáticos, uns 20 senadores. Assim é que, para conseguir maio-



ria na Câmara Alta, o Executivo terá de contar com pelo menos 22 dos 31 senadores a serem eleitos em outubro.

Uma análise do quadro eleitoral, tendo por base pesquisas e informações de parlamentares, mostra que o presidente Collor vai depender, mais uma vez, do Norte, do Nordeste e da região Centro-Oeste, para comemorar uma provável maioria no Senado.

Dos nove estados nordestinos, pelo menos seis devem eleger para o Senado representantes comprometidos ou compostos com o governo central: Maranhão (Epitácio Cafeteira), Piauí (Lucídio Portella ou Paulo Freitas), Pernambuco (Marco Maciel), Bahia (Josaphat Marinho), Alagoas (Guilherme Palmeira) e Sergipe (Albano Franco). No Ceará, o candidato a governador pelo PSDB, Ciro Gomes, ainda é favorito, mas a cadeira de senador deve ficar com o deputado Paes de Andrade (PMDB), coligado com o PFL e o PDS. Na Paraíba, o candidato ao Senado pelo PFL, Marcondes Gadelha, está unido ao PDT de Wilson Braga e, no Rio Grande do Norte, a luta entre os Maias não está definida.

A região Norte vai eleger, em outubro, dez senadores, já que os novos estados do Amapá e de Roraima vão escolher três representantes cada um. Os favoritos no Amazonas (Amazonino Mendes), Pará (Coutinho Jorge ou Jorge Arbage) e Rondônia (Odacir Soares) serão, certamente, aliados do governo federal. No Amapá, os candidatos mais falados são o ex-presidente Sarney, os deputados federais Geovani Borges (PRN) e Raquel Capiberibe (PSB), além de Henrique Almeida (PFL), diretor da empreiteira C.R. Almeida. Em Roraima, a deputada Marluce Pinto (PTB), mulher do postulante ao go-

verno, Otomar Pinto, é considerada presença certa no Senado.

Na região Centro-Oeste, parlamentares governistas têm como certas as vitórias de Pedro Canedo (PRN) em Goiás, João Rocha (PDC), no Tocantins, Júlio Campos (PFL), no Mato Grosso, e do candidato ao Senado pelo Distrito Federal, Valmir Campelo. Em Goiás, embora o candidato pelo PMDB ao governo, Íris Resende, lider com folga as pesquisas, seu companheiro de chapa, Onofre Quinan, aparece sempre bem atrás do deputado Pedro Canedo. Em Brasília, Joaquim Roriz pode tornar-se o postulante ao Senado, caso seja declarado inelegível para governador pela justiça eleitoral.

Como se pode ver, das 24 cadeiras do Senado em jogo nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, pelo menos 17 serão provavelmente conquistadas por políticos governistas. Ao contrário, nas regiões Sul e Sudeste, as perspectivas não são muito animadoras para o governo Collor, que continua sem bases políticas no Rio e no Rio Grande do Sul, e não tem a seu lado os favoritos no Paraná. Apesar de tudo, a situação é boa para o governo em Santa Catarina, que deve eleger senador o ex-governador Esperidião Amin, companheiro de chapa de Wilson Kleinnubing (PFL), favorito para o governo estadual, e no Espírito Santo, onde Elcio Alvarez (PL-PST) tem muita chance, ao lado do líder do governo no Senado, José Ignácio, postulante ao palácio de Vitória. Em São Paulo, o governo torce para que Afif Domingos consiga derrotar o candidato ao Senado pelo PSDB, Franco Montoro, e em Minas para que a ex-prefeita Junia Marise vença a disputa com Carlos Mosconi (PSDB).